

ENTRE RUBEM E PAULO

Carlos Rodrigues Brandão



***Este escrito foi originalmente
um capítulo de livro
ou um artigo publicado ou utilizado
para aulas e palestras.
Nesta versão “nas nuvens”
ele pode ser livre
e gratuitamente acessado
para ser lido ou utilizado
de alguma outra maneira.
Livros e outros escritos meus
podem de igual maneira
ser acessados livremente em
www.apartilhadavida.com.br
ou em
www.sitiodarosadosventos.com.br
LIVRO LIVRE***

De todos esses vários títulos que me anunciaram, o único que me alegra e me orgulha é ser professor. No dia 16 de agosto eu completo 40 anos de magistério. Quero comentar algumas coisas com vocês, tiradas da minha própria experiência de vida, falando a respeito de alguns amigos que estavam fazendo algumas reflexões a partir do que li e do que ouvi nesses trinta minutos ou mais de depoimentos, e então comentar algo sobre a criança; sobre o que as crianças poderiam ser.

No dia 21 de abril, feriado, estávamos na Unicamp, em um pequeno teatro na Casa do Lago. Era uma reunião de amigos e era uma homenagem a Rubem Alves. Ele mesmo não quis que aquilo fosse chamado de homenagem, mas sim, de uma reunião de amigos em volta de suas obras e vivências. Estávamos fazendo um pequeno serão musical, como música clássica, de que ele gosta muito. Depois

ouvimos alguns depoimentos a respeito dele. Eu, inclusive fiz um deles, lendo uma pequena fábula que escrevi sobre Rubem. E o Rubem depois tomou a palavra e encerrou a reunião.

Mais uma vez ele lembrou o livro que ele tem lido ultimamente, *O velho que acordou MENINO*. A história do livro começa contando a vida dele. Rubem narrou brevemente a história de sua infância e depois nos falou: “Gente, a vida é muito estranha, nós nascemos e, principalmente nos tempos em que fui educado, crianças e adolescentes, nós éramos atropelados por uma enorme pressa para deixarmos de ser o que éramos: crianças”. Por exemplo, eu sou um pouquinho mais moço que o Rubem e fui criado dentro dessa mesma ideologia: “Cresce, menino, e vai virar gente”. Eu sou do tempo em que o menino não tinha escolha: “menino não em querer”, ouvi dos adultos muitas vezes. E vejam que vivi uma infância muito feliz e risonha.

E realmente o Rubem nos dizia: “Estranha a vida. Você tem que estudar, ser promovido, passar de ano o mais depressa possível, deixar de ser criança, tão logo que possível virar adolescente, jovem e adulto, casar e ter filhos. E depois ficar velho e morrer de saudades do tempo de criança. daí a própria razão do título do meu livro”.

Vindo para cá, eu de carona como uma amiga e aluna. A Lucimar, demos num cruzamento com um homem vendendo isso daqui, que é chamado de beijú. Lembrei então de meus tempos de menino carioca. Nos meus tempos aquilo chamava torrado-e-amanteigado. É uma das lembranças mais queridas que eu tenho de minhas muitas vivências na praia onde nasci, em Copacabana. Quando os homens vinham descalços com uma matraca, gritando: “Torrado-e-amanteigado”. Só que naquele tempo eles eram mais fininhos e vinham numa sacolinha com seis. E era uma delícia quando a mãe da gente comprava “torrado-e-amanteigado”. Então eu fiz a Lucimar comprar dois, um está aqui e o outro no carro. Esse daqui podemos abrir e repartir como na comunhão; acho dá uma hóstia para cada um.

Não sei se vocês prestaram atenção num detalhe deste quadro belíssimo que estou mostrando daqui. Ele é de um pintor holandês, Peter Bruegel, o velho. Parece que no quadro estão pintadas oitenta e nove situações de brincadeiras de rua, a maioria infantis. Mas há um detalhe neste famoso quadro que chama muito a atenção. O pintor é da pós-Idade Média, começo da Renascença, na Holanda. Prestem atenção nos detalhes das crianças. Elas estão vestidas com as roupas dos adultos. Só sabemos que são crianças porque são menorzinhas, mas as suas roupas são exatamente as usadas pelos adultos. Volta e meia vemos quadros em que aparecem famílias reais com reis, príncipes meninos e princesinhas vestidas

exatamente com as roupas dos seus pais. Isso lembra uma coisa muito interessante.

E ela é a seguinte: não só o educador, mas os pais e as crianças não são apenas “seres em sim”. Eles são também sujeitos sociais, pessoas socializadas em uma cultura, são atores culturais, são uma construção social realizada em um determinado lugar e em uma determinada era da história. Cada tipo de sociedade, e até uma mesma sociedade, ao longo do tempo gera, preserva e transforma uma representação da pessoa humana; do que é bom e do que é ruim; do que significa ser a mulher ou homem; o que é e o que vale ser uma adolescente, uma criança. Cada categoria pessoal-social é também um padrão cultural possui sentidos e tem um significado que evolui com o tempo.

Estou tomando o fato de as crianças no quadro de Bruegel se vestirem como os adultos para mostrar uma coisa interessante, que até se falou no livro, sobre um pensador autodidata francês que conta a história da família e da criança no Ocidente, que atenta para exatamente isso.

Do século XIX ao século XXI, no Ocidente, inclusive aqui no Brasil, não havia espaço social próprio para a criança. O colégio propriamente infantil, o quarto, o jardim, o lugar público com espaços para crianças são todas invenções tardias.

Quando eu nasci, em 1940, estavam no Rio de Janeiro começando a aparecer os primeiros quartos para crianças, que passavam somente então a ter o seu próprio lugar na casa. Até por volta do século XIX não havia propriamente um médico pediatra; havia médico clínico, o médico de toda a família. Quando eu era menino, eu ia ao dentista em Copacabana. Mas nunca a um dentista especializado para crianças, como há hoje. Aliás, vejam como existem agora várias profissões e ocupações que ao longo do tempo foram se especializando em lidar com a criança. Por quê?

Porque ao longo da história do Ocidente a criança não foi durante séculos e milênios um ser socialmente significativo. Claro que era afetivamente significativa, importante para os seus, mas, como representação social, ser criança era muito pouco significativa dentro e, sobretudo, fora de seu círculo familiar. Contava muito pouco e era muito pouco visível como um ser-em-si mesmo e que devesse merecer mais atenção do que os adultos. Mesmo quando querida e amada, a criança era uma espécie de pequeno invasor num mundo adulto. Vejam os filhos dos reis e nobres da França e de toda a Europa. Eles eram criados pela criadagem da casa e visitavam o pai mais de vez em quando. Então era quando uma governanta escolhia uma roupa um pouquinho melhor e a menina ou o

menino iam visitar o pai. E este era quase todo o contato mais próximo, até a criança crescer e começar a frequentar o meio dos adultos da família.

Não havia também quase nenhum cuidado higiênico. Parecia que essas coisas não existiam. Toda a Idade Média e mesmo os séculos imediatamente posteriores, foram tempos de grandes mortandades por doenças e epidemias. E as crianças eram as maiores vítimas. Assim, a existência da pessoa profissional que se prepara através do estudo e da prática para trabalhar com crianças quase não existia ainda. Mas também aqueles eram tempos em que um barbeiro era também um médico ou um dentista.

E o mais estranho durante muito tempo o mesmo acontecia no campo do magistério. Lembro uma história que eu vivi. Um amigo meu fez uma pesquisa belíssima sobre a história da educação em Goiás. Ele rastreou cartas sobre educação do Brasil Colônia em Goiás e, por extensão, em outras regiões do Brasil. Eram tempos em que toda a educação escolar era religiosa. Era a educação colocada sob a égide das ordens religiosas.

Apenas as idéias e a docência religiosas tinham lugar no Brasil até depois do reinado de Dom Pedro II. E é praticamente apenas após o final do Império e o advento da República que vão aparecer outras escolas, leigas, não propriamente confessionais, religiosas. Este meu amigo rastreou cartas de superiores europeus de ordens religiosas, indicando as atribuições das funções dos sacerdotes e missionários na Colônia. Para nosso pesar, uma delas ordenava que os mais padres mais bem dotados intelectualmente fossem preparados para se dirigir ao ministério sacerdotal e, os outros, ao magistério. Ao ensino de crianças e de jovens. Isso não é um descaso, mas uma visão invertida do significado do que é ser criança e depois a responsabilidade que temos para com elas. Vocês querem um exemplo?

Lauro de Oliveira Lima, um educador que foi inclusive um dos introdutores do pensamento de Jean Piaget no Brasil, um educador notável, dizia, entre brincalhão (como sempre) e sério (também), o seguinte, em um curso que ele nos deu no Rio de Janeiro há muito anos: “Se a gente prestar atenção, a formação de um educador no Brasil e em toda a parte está completamente invertida. Deveria ser o exato oposto de como é. Por exemplo, para você lecionar em pós-graduação, basta ser bacharel e ter um domínio apreciável do assunto com que você vai trabalhar. Já para lecionar na graduação, o docente deveria possuir pelo menos a licenciatura. Agora, para ser professor de jovens no segundo grau, como você vai trabalhar com adolescentes e jovens, você deveria possuir uma formação bem mais sólida. Deveria ter pelo menos mestrado. E se alguém vai trabalhar com

crianças, no ensino de primeiro grau ou na educação infantil, deveria possuir pelo menos o doutorado. E para ser mãe, nada menos do que a livre-docência”.

Lauro lembrava que quando você lida com uma turma de alunos de vinte anos e mais, você trabalha com pessoas que podem se defender dos seus erros e pensar com mais autonomia por conta própria. Mas a criança é um ser em formação. Ela é um alguém que deveria merecer uma qualidade de cuidado pedagógico de valor inestimável. O que vimos acontecer em toda a história da educação no Brasil é o quase exato oposto. Durante quase toda esta história, justamente as pessoas que iriam lidar com a educação das crianças eram as mais mal preparadas. Até tempos muito recentes muitos formadores de crianças neste país eram justamente os “professores leigos”. E algumas mulheres deste tempo, mesmo sem quase nada haverem estudado, foram notáveis e desconhecidas “educadoras espontâneas”.

Neste sentido aqui no Brasil estamos ainda muito carentes de uma atenção devida à criança, em termos de formação de docentes e de todo o pessoal envolvido com a docência nas escolas. Há países em que os professores e professoras, qualquer que seja o nível em que estejam trabalhando, ascendem ao nível de formação que desejam e que podem alcançar. Eu tive vários amigos que estavam trabalhando com educação infantil e estavam fazendo doutorado.

Ou seja, nestes outros contextos culturais, o ascender em termos de conhecimento na carreira não está preso ao grau em que você leciona. Porque o lecionar, o onde eu vou trabalhar é uma opção de vida, e não de carreira ou de oportunidade. Eu quero ter a melhor formação possível, justamente porque eu quero trabalhar com crianças. Quero ser um especialista em educação infantil, e esta é a minha vocação. Espero um dia chegemos lá. Gostaria até de estar vivo para poder pelo menos presenciar este momento. E este é o primeiro dado, que acho que talvez nos ajude a pensar.

Um segundo dado é vivido por aqueles que lidam com as crianças das classes trabalhadoras, inclusive muitas delas envolvidas com o trabalho infantil. Me tocou certa feita uma charge de um menininho que até o pôr-do-sol se divide entre vários trabalhos precoces e indevidos para a sua idade. E quando chega o fim da tarde, ele vai brincar um pouco, e sai para empinar uma pipa. Aí aparecem duas senhoras bem vestidas que dizem: “Vai trabalhar, vagabundo, vai procurar um trabalho!”.

Mas é do outro lado desta difícil questão que eu desejo comentar algo aqui. Ao contrário do que acontecia até um passado quase recente, vivemos hoje uma presença marcante e crescente da criança como um ator visível e na vida cotidiana, na vida social e, de forma até mesmo depravada e utilitária, na chamada

“esfera econômica”. Um artigo recente de uma revista de ampla circulação afirmava que uma das indústrias que mais crescem no Brasil é a indústria de brinquedos. Ela cresce porque é uma que hoje dá maiores e mais imediatos lucros. Ao mesmo tempo, multiplicam-se os espaços, os especialistas, as pessoas que dedicam a sua vida ao cuidado ou à educação de crianças, do quarto ao berço, do penteado ao dentista especializado. Aparece mesmo a figura do “brinquedófilo”.

Isto é algo que parece muito engraçado, mas é uma coisa séria, bastante séria e digna de reflexão. Onde é que eu quero chegar? Neste ponto. Justo no momento em que pelo menos em teoria quem lida com criança e adolescente se vê rodeado de um conjunto muito grande de publicações e teorias a respeito de como ela deveria ser cuidada, tratada e educada, justamente agora um professor ou uma professora redescobrem que o seu ofício os torna cada vez mais um alguém que não apenas cuida da “instrução das crianças”, como o alfabetizá-la, o introduz-las na aritmética e em outros conhecimentos instrumentais da vida, ao lado de serem cada vez mais um alguém que não substitui, mas um alguém que de alguma maneira completa e complementa afetivamente a experiência do ser de uma mãe, de uma avó, dos irmãos mais velhos.

Ou seja, o educador, a educadora que trabalha sobretudo com crianças mais pobres, não apenas assume a tarefa de instruir, e de educar, indo além da simples instrução, mas também a tarefa de ser um ser do afeto. Uma pessoa aberta a acolher crianças e adolescentes que não raro encontram na escola um quase único lugar onde podem viver o serem aceitas e serem tratadas como uma pessoa digna de ser acolhidas e tratadas com carinho.

Durante muitos anos participei de trabalhos de assessoria e de encontros e congressos de educação no Rio Grande do Sul. Certa feita uma professora de lá fez um relato que me deixou pensando muito. Sua escola ficava atrás do aeroporto de Porto Alegre, em uma zona bastante violenta. Ela comentou que em um dos primeiros dias de aula ela se aproximou de uma menina e carinhosamente colocou o braço no seu ombro. E a menina pequena se encolheu toda e fugiu daquele abraço. Mais tarde ela ficou sabendo, quando a menina começou a se abrir, que aquela era a primeira vez que ela recebia em seu corpo um gesto que não era agressivo. Em casa, na vizinhança, quem chega perto é para bater, para empurrar, para agredir de uma ou de outra maneira. E, assim, ela fugiu até mesmo daquele talvez primeiro gesto carinhoso.

Esta é uma contradição, um dilema que nos invade. Agora, dentro e fora das escolas e das salas de aulas, multiplicam-se as/os especialistas em crianças e os/as especialista em educação infantil e de adolescentes. Mas justamente agora também, a professora, o educador de sala de aula vê-se conduzido a ser uma

espécie de pluri-especialista: aquele que ouve, aquele que aconselha, aquele que está ao-lado-de, em momentos cruciais da vida de uma criança estudantes. Aquela que, para ser uma educadora, para além de uma simples ensinante, precisa acrescentar ao seu trabalho uma variedade difícil de outras vocações. E as condições reais de seu trabalho, a começar por sua própria formação e pela parca remuneração, na imensa maioria dos casos, estão muito aquém do muito que se exige hoje de quem se dedica ao mais difícil e desafiador de todas as atividades profissionais: formar a pessoa humana através da educação.

A outra idéia que quero trazer aqui está muito ligada ao que vocês estão bastante acostumados. Falo desse espantoso, maravilhoso, terrível mundo em que vivemos, com relação à nossa própria experiência de vida e à combinação do que acreditamos que venha a ser o mundo em que essas crianças e esses adolescentes estão vivendo, educando-se e crescendo.

Vivemos num mundo “pós-moderno” em que somos cada vez mais invadidos por uma quantidade exagerada de ofertas, de produtos, de artigos e apelos de consumo. No meu tempo de menino no Rio de Janeiro, quando saía um livro para criança isso era algo raro, e minha mãe corria e comprava. Os gibis saíam mês por mês e, no fim do ano, saía o almanaque. Eu ia ao cinema de 15 em 15 dias e aquela era uma grande alegria da minha vida de menino carioca.

Hoje em dia uma criança se vê desde muito cedo atravessada por apelos consumista em todas as esferas de sua vida. Os meios de comunicação – tão potencialmente ricos e essenciais hoje – bombardeiam crianças e adolescentes com mensagens em maioria de má qualidade, quando não francamente violentas, vazias e perversas mesmo. Com um controle remoto nas mãos, se ela puder e quiser, uma criança ou um jovem podem assistir a 30, 40 filmes de hoje para amanhã, desde a manhã até altas horas da noite, principalmente se na casa houver uma televisão a cabo.

Outro dia eu estava participando de uma exposição; uma feira do livro infantil. Hoje em dia no Brasil devem sair mais livros para criança em um dia do que na minha infância saíam por mês, por um semestre. Não sei se vocês já viram essas exposições. São maravilhosas, mas são assustadoras, Experimentem, peguem o catálogo e vejam a quantidade que apenas uma editora lança. São milhares de livros, de filmes, milhares de brinquedos que você pode adquirir, usar e... descartar. Mas o que nos deve preocupar muito é que, dentro de um leque de uma enorme variedade de escolhas possíveis, grande parte do que é consumido, de filmes a revistas, a livros, a brinquedos, existe em uma escala de descuido, de má qualidade, de apelo a idéias e a afetos muito aquém do que uma criança merece como um estímulo para brincar, viver e... aprender.

Quando há um tempo atrás eu perguntava para jovens e pré-adultos da graduação e pós-graduação da Universidade Federal de Uberlândia, quem já tinha lido o *Grande sertão: veredas*, o grande romance de João Guimarães Rosa que em 2007 estava comemorando os seus 50 anos, e que provavelmente é um dos cinco mais belos romances escritos no mundo, dentre cerca de 30 pessoas presentes apenas duas pessoas levantaram a mão.

Vivemos num terrível e maravilhoso mundo em que tudo parece estar ao nosso alcance, mas não temos mais condições nem tempo para a vivência criteriosa e densa dos filmes, dos livros, e das próprias lentas belezas da vida. O “mundo ao toque de seus dedos”... Mas, que mundo? Quais imagens? Que idéias? Então, podemos estar em vias de ver criar-se uma humanidade que sequer vai mais saber que o amor, que a vida, que as histórias humanas possuem um começo, um meio e um fim. Então, os enlaces, os envolvimento, as co-responsabilidades através das quais nos sentimos solidários uns com os outros, tudo isto pode perder-se entre vidas líquidas. Entre imagens fortuitas, entre seqüências de contatos com o outro, com os livros, com o saber, apressados, descartáveis, esquecíveis.

Alguns pensadores da vida atual chegam a imaginar que vem por aí um possível tempo em que a maioria das pessoas não terão sentido de interação profunda e de co-responsabilidades umas com as outras e nem sequer se reconhecerão mais como seres que têm ligação forte com qualquer coisa. A imagem do “ir ao shopping” e passar ali um dia de sábado, comprando e comendo, e passando por pessoas que não merecem sequer um olhar ou que recebem um breve cumprimento, quando conhecidas, poderia ser o melhor quadro simbólico deste sombrio futuro. Isso pode parecer um exagero, mas recentemente houve uma “micareta” em um cidade do Nordeste o filho de uma conhecida minha chegou de uma primeira noite de “embalo” e falou pra mãe dele: “Mãe, essa noite eu beijei vinte e duas bocas”. Vejam bem. Não foram vinte e duas moças; foram vinte e duas bocas. E a mãe espantada respondeu: “filho, será que não seria melhor beijar a mesma boca vinte e duas vezes?” E o filho respondeu sem pensar: “Sai pra lá, mãe, que careta!” Talvez essa confissão brincalhona de um rapaz em começo de vida universitária seja um pouco o retrato do que pode estar começando a acontecer no mundo.

Podemos pensar num mundo mais justo; um mundo em que todas as pessoas e todas as crianças possam viver uma vida diferente daquele menino de nossa triste charge. Um mundo em que o direito de viver plenamente a vida, de receber uma educação de qualidade seja estendido a todas as crianças do mundo,

de todas as classes. Mas a primeira pergunta é: que educação? Que projeto de educação?

Para mim essa é a grande pergunta do Miguel Arroyo, não só na introdução do seu livro, como também em todos os livros que ele tem escrito e em todas as falas que ele nos tem feito. Não apenas a educação através de modelos pedagógicos prontos. Mas uma que responda à pergunta crucial: uma educação para formar que tipo de pessoa? Para criar que seres, e que mundo? Quantas e quantas vezes vemos nos jornais a experiência do medo como aquilo que mais aparece refletido nas preocupações das pessoas. Qual é o sentimento dominante em você? O medo da violência que às vezes aparece fotografada, retratada e até mesmo experimentada na mídia e em nossas vidas?

Mas agora a pergunta que se coloca para nós educadores é esta: afinal, quem cria o mundo em que nós vivemos? Esta é uma pergunta fundamental para quem educa. E a resposta seria: nós. Para além dos poderes e dos governos e do que eles representam, no dia a dia da vida cotidiana somos nós, as pessoas que se educam, os que criamos os mundos em que vivemos nossas vidas.

Alguns anos depois da Segunda Guerra Mundial perguntaram para um grande sociólogo alemão, Theodor Adorno, qual seria a razão primordial de ser da educação. Lembrando-se do Holocausto, dos campos de concentração onde milhões de judeus foram mortos em câmaras de gás e cremados, ele respondeu mais ou menos isto: “A única função essencial da educação é criar crianças e depois adultos que nunca mais tornem algo assim possível. Essa missão da educação, e ela é tão essencial que frente a ela todas as outras são secundárias”.

O que ele queria dizer era o seguinte: nós, alemães, um dos povos mais avançados da terra, nós fomos capazes de criarmos crianças, durante o período do nazismo, que quando adultas foram capazes de matar milhões de outras crianças. Durante os anos de guerra nosso país foi capaz de criar um tão impensável crueldade. Não foram povos primitivos, nem gente atrasada, nem negros da África. Fomos nós”. Se através de uma educação vocacionada ao totalitarismo, à intolerância e ao exercício indiscriminado do poder pode gerar pessoas assim, em uma outra direção, totalmente oposta, podemos criar uma outra educação. Podemos formar através dela crianças e adolescentes que nunca mais sejam capazes de fazer o que os que vieram um pouquinho antes de nós fizeram. Justamente é nos momentos mais sombrios da história, nas ditaduras, nos fascismos, que se dá mais importância à educação, e que mais se descobre, através do desvelamento de seu lado negro, o seu próprio poder.

Estamos vivendo uma outra grande e difícil contradição. De um lado vivemos todo um recente “descobrir da criança”. O Estatuto da Criança e do

Adolescente, a conquista de novos direitos, com a criança sendo pela primeira vez constituída como ser em si-mesmo e, não apenas, um ser tutelado pelo pai ou pela mãe. Uma pessoa e não somente um pequeno ser incompleto e imperfeito cuja única vocação é “crescer e virar gente”. De outro lado, justamente neste momento, depois de tantos livros, de tantas teorias, e tantos estudos, de tantas e tantas pessoas pensando as crianças, vivemos o crescendo de uma educação que cada vez mais estreita os seus horizontes, e se funcionaliza, e se mercantiliza. E parece dirigir-se à instrumentalização pura e simples de seres destinados cm pressa ao mercado de trabalho. A um mercado que precocisa a criança, da mesma maneira como em outra direção a mídia, ao mesmo tempo infantiliza as crianças (e também os idosos) e as precocisa, inclusive ética, estética e eroticamente.

Se existe uma razão para se aprender o português, por exemplo, ela estaria na formação integral de pessoas aptas a lidarem com a fala e a escrita de uma maneira crítica, pessoal e criativa. Pessoas que não apenas saibam “ler-e-escrever-bem”, mas que se disponham a viver a aventura de um mergulho na melhor literatura. Pessoas abertas ao bons romances, à verdadeira poesia.

A razão do ser educado, é sermos prepararmos para viver cada momento da nossa vida com a máxima plenitude possível. Até quando vamos inventar situações de criatividade, criando oficinas disso ou daquilo, mas cada vez mais funcionalizando, tornando-o fácil, portátil e assimilável sem esforço? Um ensino afinal bem mais ajustado a uma trajetória ligeira na escola e ao sucesso do mercado, bem mais do que à superação criativa de si-mesmo e bem mais destinado à felicidade na vida?

Pensando com Paulo Freire, não se trata de instrumentalizar alguém dócil e obediente, capacitado apenas a falar repetitivamente um “português funcional” ou um “inglês-de-computador”, mas de formar um alguém crítico, criativo. O sujeito do seu próprio destino; a pessoa solidária, aberta aos outros, carinhosa. Alguém que, através da educação seja capaz de construir não tanto “um lugar no mercado”, mas “um novo mundo”.

Creio que uma criança de oito anos deveria aprender na escola e em toda a parte, em primeiro lugar, a viver plenamente a experiência única e irrepetível de... ter oito anos. Isso é uma das coisas que aparecem nesse trabalho do começo ao fim. Nada é mais sutilmente violento do que lidar com uma criança como se fosse um ser imperfeito, incompleto sempre. Um alguém cujo momento-presente tem como único valor ser um eterno preparo para um tempo de vida que não chega nunca. Ele deve chegar, mas a seu tempo, e a partir do fluir e do fruir de cada instante.

Em um encontro em Campinas, depois que Adélia Prado fez a sua parte em uma mesa redonda, perguntaram-lhe como a questão da arte deveria ser tratada na escola. Eu fiquei extremamente feliz com a resposta dela. Ela começou dizendo mais ou menos isto, relembro de cabeça: “Olha, eu vou dizer o que sinto, porque na verdade nunca li teorias sobre arte, educação. Sei que há coisas maravilhosas, mas, como não é o meu campo – sou uma mera poeta e mãe – vou dizer as duas coisas que sinto. Primeiro, não tratem a arte, a música, a poesia como algo complementar, mas como algo essencial na formação de uma criança. Tão logo uma criança possa compreender a melhor poesia, tragam a melhor poesia a ela. Concordo plenamente. Se alguma coisa nos salva é o fato de que viemos de uma tradição que passa pelas sinfonias de Beethoven, pelos escritos de João Guimarães Rosa e pela poesia da própria Adélia Prado.

A ciência nos mantém vivos, nos forma e nos ensina a pensar e compreender. Mas o que nos faz humanos, ao lado do afeto, do carinho, é o fato de que somos seres que criam e traduzem, entre a ciência, a filosofia, a arte e a religião, a própria substância humana da realidade. Maldita educação que coloca o instrumental em primeiro lugar e bane as músicas e os desenhos para a hora do recreio.

Quando começamos a ler sobre as inteligências múltiplas, descobrimos que o cérebro aprende os mesmos processos de reflexão e de inteligência com a música, com a dança, com a matemática e com a poesia. Eu disse antes que algumas vezes pensamos que lidar com a criança significa infantilizar a criança. Trata-la como um alguém aquém de si-mesmo. Infantilizar numa direção, uma sempre-criança. E, de outra parte, entre “Barbies” e “Xuxas”, apressar a perda-do-ser-criança em direção a uma falsa e apressada adolescência-na-infância. Que ela não pare de “passar de ano”, mas que, ao mesmo tempo, seja eterna pessoa condenada ao brinquedinho, à brincadeirinha, a tola e falsamente “infantil”, mesmo quando aparentemente “adolescente”. Muitas vezes elas estão pedindo, ao lado da cantiga de roda, as poesias de Cecília Meireles. Não vamos exilar as nossas crianças da criatividade, não deixemos que preconizem o ensino baseado na pura e simples funcionalidade. Não nos deixemos vender por essas idéias, porque trazem infelicidade às crianças.

Humberto Maturana é um biólogo que eu admiro profundamente. Ele é muito interessado em educação e nos diz uma coisa fundamental. Nós somos seres “condenados” ao amor. Somos a única espécie do reino animal movida pela emoção, a razão é, em nós, um a posteriori; algo que nos vem depois de uma ação movida por um impulso afetivo (no sentido pleno e íntegro destas palavras) que nos faz sentir, saber e agir. E a emoção dominante no homem é a experiência do

amor. Ao contrário dos outros seres da vida, a experiência do afeto em nós não se perde. Uma mãe se alegra com a felicidade ou sofre com o sofrimento do filho de três meses, de três anos, de trinta ou de sessenta anos. A relação afetiva em nós e entre nós é tão profunda e única, que é por causa dela que sobrevivemos e existimos.

Mais do que isso, essa experiência se lateraliza. O que é um amigo? O que é aquela pessoa amiga que às vezes me obriga a pegar um avião ou ônibus e viajar quilômetros, porque sofreu um acidente ou está doente e de repente precisa de um olhar, de uma presença ao seu lado? Essa é a lateralização da experiência maravilhosa que é o ser humano. A transferência da relação vertical fundadora do tipo mãe-filho, para uma relação horizontalizada, circular, envolvente, que estende daí o meu afeto a uma série de outras várias pessoas que povoam o meu mundo e a minha vida. Aprender a amar. Aprender a sair de si e abrir-se ao feto e ao cuidado do outro. Aprender para fazer-se um belo-ser e para cultivar e cultuar a beleza, a ternura, o afeto, o amor.

Quando é que vamos chegar a um mundo em que uma mãe pergunte ao filho: “O dia foi bom para você?”, “Você foi feliz hoje na escola?”, “A quem você ajudou?”, “Com quem você participou de que?”, “O que vocês viveram e fizeram juntos?”. Quando é que nossas escolas vão abolir de os “quadros de honras, as medalhas aos melhores, os índices de eterna comparação e competição? Quando irão substituir estes indicadores da concorrência e da competitividade, por solidárias equipes construindo juntas umas com as outras, entre professores e alunos?

Podemos terminar por aqui. Bem ao contrário do que uma difusa e crescente “pedagogia da pressa e do progresso” sugere, crianças não são seres incompletos, semi-selvagens e imperfeitos, a quem toca “civilizar”, uma educação iniciada no círculo familiar e continuada na sala de aulas da escola. Em cada momento de suas vidas, em cada passo dos estágios de seus “desenvolvimentos biopsicológicos”, meninas e meninos crianças são seres sensíveis e sábios. Sim, isto mesmo: sábias. Elas são sujeitos de uma vida que não vale pelo que ela (a vida e a criança) “vai ser ainda”, “vai ser um dia”, “vai ser quando crescer e virar gente”. A cada momento de cada dia de suas vidas, crianças são seres plenos de si-mesmo, e valem pelo que são “agora”, e pela vida que, agora, em cada momento de seu estar-no-mundo, elas vivem.

Meninos e meninas devem ser ensinados em casa, na escola e em outros círculos culturais de socialização, para um dia virem a ser úteis: “um alguém na vida”, não resta dúvida. Mas elas devem ser educadas para algo que vai além,

muito além deste propósito instrumental e utilitário. Elas não nasceram para crescerem depressa, realizando em seu ser a ansiosa imagem de nossos desejos paternos ou docentes. Crianças devem ser educadas para aprenderem a encontrar, com o andar de seus próprios passos, os seus próprios caminhos. Devem aprender conosco a serem diferentes de nós. Se possível, melhores do que nós somos.

Devem aprender a saber descobrir, entre os seus passos e ao longo de seus caminhos, as suas verdadeiras vocações, e, assim, a se realizarem plenamente em-si-mesmos. Em-si-mesmos, mas através de um aprendizado que desde muito cedo os torne seres da vida crescentemente abertos a três círculos de diálogos fraternos e solidários: o diálogo com-eles-mesmos (a esquecida arte da auto-reflexão, da meditação, da vida interior); o diálogo amoroso com os seus outros; o diálogo amplo e aberto com a Vida e com o seu Mundo.

Carlos Rodrigues Brandão
Relido e revisto na Rosa dos Ventos, no Sul de Minas
Em 16 e 17 de março de 2009